

CYRINO, Antonio Pithon. **Entre a ciência e a experiência:** uma cartografia do autocuidado no diabetes. São Paulo: EDUNESP, 2009.

Guilherme de Souza Müller^a

Raíssa Barbieri Ballejo Canto^a

Alcindo Antônio Ferla^b

O livro *Entre a Ciência e a Experiência*, publicado recentemente pela Editora da Unesp e composto com base na tese de doutorado do Prof. Dr. Antonio Pithon Cyrino, é uma homenagem a todos aqueles que atuam, como o autor, na interface entre a saúde, a educação e a comunicação. Mais do que isso, aos que atuam no cotidiano do sistema de saúde e também àqueles que se ocupam da educação na saúde.

Como nos antecipa a Prof^a. Dr^a. Lilia Blima Schraiber, no prefácio do livro, não se trata apenas de explorar o caráter pedagógico das práticas de saúde, como o fizeram Cecília Donnangelo, há mais de 30 anos, e Ricardo Bruno Mendes-Gonçalves, para citar apenas dois pensadores brasileiros que consolidaram o campo em nosso meio. Trata-se de dar visibilidade à dimensão estética do cuidado, quando se permite ser constituído com base na comunicação intensiva entre profissionais de saúde e usuários. Ainda utilizando o prefácio de Lilia Schraiber^{2:18}, trata-se de uma abordagem singular, que “[...] está ancorada [...] em uma nova concepção acerca do saber que rege a intervenção e, pois, define o arranjo assistencial que será produzido e nele as relações intersubjetivas nas práticas de saúde”. O que dá visibilidade a uma grande inovação conceitual e metodológica, uma vez que “[...] já não se trata da presença, exclusiva ou soberana, do saber apenas científico e de base cognitiva (centrado no conhecimento biopatológico), mas da presença em negociação, posto que em diálogo, deste saber científico com o *saber prático* dos enfermos”.^{2:18}

Nos dizeres do próprio autor, a abordagem metodológica pretendeu, centralmente, “[...] explorar as possibilidades de reconhecer e valorizar os saberes da experiência de quem vive a enfermidade, como um campo de conhecimentos, não numa perspectiva de oposição entre esses saberes e aqueles técnico-científico dos especialistas [...]”^{1:208} ou mesmo na perspectiva das representações sobre a saúde, o adoecimento e o

^a Estudantes do curso de Bacharelado em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

^b Alcindo Antônio Ferla é médico, doutor em educação e professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atuando no Curso de Bacharelado em Saúde Coletiva, e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Social da Universidade Federal do Pará (UFPA).

cuidado, “[...] mas numa perspectiva de mapear esses saberes, descrevendo-os e buscando, por meio deles, pontes para fortalecer o diálogo entre seus sujeitos, além de explorar outras possibilidades de reconhecer, disponibilizar e partilhar esse ‘saber da experiência’”.^{1:208}

Antônio Pithon Cyrino traz, em seu livro, uma proposta inovadora no âmbito da educação em saúde, visando maior espaço e uma intensidade renovada na comunicação entre o doente e os profissionais da área. A maneira tradicional de tratamento é baseada numa relação desigual, em que o médico assume a condição de detentor do conhecimento e o transmite para o paciente, cujo espaço simbólico na cena do cuidado o reduz a alguém incapaz de opinar no seu procedimento de cura e deve apenas obedecer todas as orientações, independente das condições de realização. A ideia central do livro é a possibilidade de maior autonomia do doente, uma vez que as experiências e obstáculos cotidianos, como descreve o autor, são vividos somente pelo doente e sua rede de relações, e este pode, dessa forma, contribuir no tratamento junto ao profissional de saúde.

O foco de estudo de Antonio Pithon é o *Diabetes Mellitus*, uma escolha muito pertinente, por se tratar de uma doença crônica, que afeta milhões de brasileiros, e de grande relevância, tanto para a gestão, como para a atenção e a formação na saúde. Entre as formas de participação do doente na busca de seguir o tratamento, o autor sugere a ideia da “potência de ação coletiva” que dependeria da interação de um grupo, objetivando produzir, trocar e utilizar conhecimentos, acarretando em uma melhoria no tratamento de muitas doenças, inclusive o diabetes. Infelizmente, as medidas tradicionais são feitas somente por um profissional que possui a competência de estabelecer uma nova rotina de vida para esses doentes. Esse tipo de situação caracteriza a crítica de Paulo Freire, também citado pelo autor no texto, que fala que o educador transforma os educandos “em recipientes vazios a serem preenchidos”. Essa expressão faz perceber esse individualismo impregnado em nossa sociedade, sem dar qualquer possibilidade de os próprios lesados opinarem e, portanto, sem reconhecer as diferenças e particularidades de cada ser humano que poderiam agregar e deveriam ser levadas em consideração na estratégia do tratamento.

O autor realizou uma pesquisa qualitativa dividida em etapas: inicialmente, foram determinadas as competências necessárias e os obstáculos encontrados na busca do autocuidado na opinião dos especialistas; logo após, aconteceu a aproximação com um grupo de indivíduos que vivem a experiência do diabetes que, nesse encontro, foram provocados a refletir sobre seus conhecimentos, saberes e práticas do cuidado com a doença; no segundo momento, foram realizadas entrevistas em profundidade para maior detalhamento dessas concepções e por oferecer a possibilidade dos entrevistados discorrerem de forma mais

livre sobre os temas propostos. Essas atividades ocorreram no Centro de Saúde Escola (CSE), unidade de ensino, pesquisa e atenção à saúde da Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB) da UNESP, com usuários da própria instituição.

Na primeira parte, foram realizados quatro grupos focais, com portadores na faixa etária de 40 a 59 anos, segundo o tipo de medicação em uso (oral ou insulina) e o tempo de diagnóstico (de 1 a 5 anos e 6 anos e mais). Os encontros duraram em média 2 horas e 18 minutos (incluindo pequeno intervalo) e tiveram a participação de moderador, auxiliar e relator. O conjunto das atividades em grupo formou um documento de 81 laudas. Já na segunda parte, as entrevistas tiveram duração média de duas horas, durante as quais se estabeleceu um clima coloquial, de modo a aproximá-las de uma conversa. No momento final da pesquisa, foi feita a articulação, num mesmo plano analítico, dos obstáculos identificados pelos especialistas com aquele produzido pelos pacientes e que permitiu estruturar os campos problemáticos do viver e cuidar do diabetes e as competências efetivas diretamente relacionadas a cada um desses campos. Desse modo, pôde-se caminhar o constructo da doença à experiência da enfermidade.

A intenção do livro não é simplesmente fazer uma crítica à educação sanitária tradicional, mas provocar uma reflexão nos leitores, chamando a atenção para algumas ações vistas como normais nas práticas de saúde. Por exemplo, a mudança no modo de vida de uma pessoa por causa da sua doença pode lhe trazer infelicidade e até a impossibilidade de cumprir o tratamento, e o diálogo com o profissional de saúde poderia minimizar esses problemas, ao construir caminhos para tornar o tratamento menos difícil, levando em consideração as condições individuais.

O tema e a abordagem já seriam, por si, um enfático convite à leitura do livro. Mas Cyrino desafia-nos a uma densa construção teórica de formato interdisciplinar, que articula autores de uma grande diversidade de áreas, muito mais ampla do que a própria Saúde Coletiva. A articulação, que responde à necessidade das tramas complexas dos fenômenos da saúde, é tecida em um texto leve e muito claro, ilustrado com falas do cotidiano dos serviços de saúde, que convidam a práticas de maior densidade e implicação com a qualidade da saúde. Em particular, convidam os trabalhadores da saúde ao exercício de uma escuta sensível e novos arranjos para o cuidado. Também convidam os atores da formação de novos profissionais a uma postura mais aberta às diferentes saúdes que coadjuvam na cena do cuidado e são, nas abordagens tradicionais, subsumidas no “quadro clínico” das doenças.

Mas é, sobretudo, pela atualidade de um debate político e conceitual que se destaca a sugestão de leitura do livro de Antonio Cyrino. A política de educação na saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) diz da nova aliança necessária entre o mundo do conhecimento, em particular das práticas educativas, e o mundo das práticas de atenção, de gestão e de participação na saúde. Aliança que dá destaque à produção de conhecimentos no cotidiano da atenção, como postura necessária e impostergável ao trabalho em saúde. Fala de uma educação permanente, porque associada intimamente às próprias práticas de trabalho em saúde. Da mesma forma, propõem uma gestão da educação construída com base nos problemas do cotidiano do trabalho, ao invés de apenas iniciativas isoladas de reconhecimento aplicadas ao cotidiano dos trabalhadores com a pretensão de verdadeiros antídotos às variações de qualidade e resolutividade desse trabalho. A pesquisa e o livro nos mostram, como a política do SUS, que a gestão da educação na saúde pertence aos gestores, aos formadores, mas também aos trabalhadores no interior dos serviços. E que a educação permanente pode e deve permear as práticas de atenção, de gestão, de formação e de participação na saúde.

Dessa forma, Cyrino contribui para recolocar a educação permanente no lugar inventado pela política de educação em saúde, ainda em 2004, como dispositivo para a gestão da educação e como prática de ensino-aprendizagem na saúde, motivados pelo desafio de um cuidado em saúde capaz de fazer avançar a qualidade e a autonomia do andar a vida dos indivíduos e das coletividades. Vista desse ponto de vista, a educação permanente torna-se uma diretriz normativa para o trabalho em saúde, uma vez que compõe o rol de políticas para essa área, mas também um desafio ético para todos os que, nos dizeres de Cyrino,^{1:218} têm o “[...] desejo de [ver-se] cada vez mais diferentes, solidários e dispostos a partilhar [...] saberes, nossas verdadeiras riquezas humanas”.

Em síntese, o livro é uma excelente leitura para todos os que pretendem repensar as práticas de cuidado e de gestão de políticas, redes e sistemas de saúde, no atual contexto do Sistema Único de Saúde (SUS).

Os autores compartilharam igualmente todas as fases de elaboração desta resenha.

REFERÊNCIAS

1. Cyrino AP. Entre a ciência e a experiência: uma cartografia do autocuidado no diabetes. São Paulo: Edunesp; 2009.
2. Schraiber LB. Prefácio. In: Cyrino AP. Entre a ciência e a experiência: uma cartografia do autocuidado no diabetes. São Paulo: Edunesp; 2009.